Encontro Monástico Latino-Americano – Salvador, Bahia – 6.11.2025

Pe. Mauro-Giuseppe Lepori OCist

"Que todos sejam um a fim de que o mundo creia" Comunidades fraternas para um mundo fraterno

Uma palavra essencial

"Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17,21)

A passagem evangélica da qual se extrai o lema deste encontro tem uma importância particular no Evangelho. Por quê? Primeiro, porque é uma palavra do próprio Jesus e, segundo, porque é uma palavra que Jesus dirige ao Pai; melhor ainda, uma palavra na qual Jesus *reza* ao Pai. Além disso, é uma palavra na qual Jesus fala ao Pai sobre nós, sobre os seus discípulos, sobre a comunidade cristã, isto é, a Igreja; mas também, uma palavra na qual fala sobre o mundo, na qual, isto é, Jesus fala sobre a missão da Igreja no mundo. O propósito da missão dos discípulos é que o mundo creia que o Pai enviou seu Filho, e isso significa que *a missão da Igreja é transmitir a todos os homens a fé na presença de Jesus Cristo no mundo*.

Qual é, de fato, a missão do Filho? O que significa crer que o Filho de Deus é enviado pelo Pai? Significa, antes de tudo, reconhecer que Deus em Cristo está presente no mundo; significa crer que no Filho, Deus está presente. Está presente para nos salvar. Mas a salvação de Cristo, mais do que qualquer coisa que Ele faça ou diga, consiste no seu ser presente, em seu estar conosco, em seu ser "Emanuel", Deus conosco.

Há uma frase brilhante de São Bernardo de Claraval, em uma de suas homilias para a vigília de Natal, que não me canso de citar porque resume todo o mistério cristão em poucas palavras: *"Venire voluit qui potuit subvenire* — Quis vir aquele que poderia ter-se contentado em nos ajudar" (*Sermão para a Vigília de Natal*, III, 1).

Sim, Deus não se contentou em nos ajudar do céu. Ele poderia ter feito isso; poderia ter nos salvado transformando instantaneamente o mundo perdido em um paraíso, transformando todos os pecadores em santos. Em vez disso, por amor à nossa liberdade, Ele veio. "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14).

O mistério da Igreja

A presença de Cristo não é simplesmente um estar aqui: é a presença de Deus na carne do homem, na carne da vida humana, no corpo humano que Deus fez seu.

Este é precisamente o mistério da Igreja.
Há um mês, encontrei o Papa Leão XIV e, no final da nossa conversa, ele me disse *em passant* uma frase que agora me acompanha muito: "A Igreja é a presença de Cristo". Ele disse isso para sublinhar a importância de cada forma e carisma em que a Igreja se manifesta. Seja qual for a forma ou carisma em que a Igreja se apresente, seu valor é a própria presença do Senhor no mundo.

Mas por que a presença de Cristo se encarna na Igreja como há 2.000 anos, em seu corpo humano? Em última análise, pela mesma razão pela qual, há 2.000 anos, aquela mesma criança, aquele mesmo menino, aquele mesmo jovem, aquele mesmo homem de trinta anos era o Filho de Deus. Uma razão que tem sua fonte na profundidade do amor de Deus, na profundidade insondável da liberdade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que juntos decidiram não condenar o mundo, mas que o mundo fosse salvo por meio do Filho enviado ao mundo até a morte na cruz. "Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele." (Jo 3,17)

Neste mistério de um Deus que quis vir, e não apenas nos ajudar de longe, reside a forma desta vinda: a Encarnação. Ele quis vir na carne, quis um corpo humano como o nosso, com o qual se identificou a ponto de o tornar divino. Mas este desígnio da Trindade não parou por aí: quis estender-se ao corpo eclesial, à Igreja, ao corpo místico de Cristo.

Tudo isto, e infinitamente mais do que isto, está contido no versículo evangélico do qual se extrai o tema do nosso encontro. Compreendemos, então, que a questão da nossa unidade comunitária, eclesial, da unidade de cada uma das nossas comunidades, das nossas Ordens e Congregações, e a questão da nossa fraternidade, são todos temas que tem um grande significado no mistério de Cristo e da sua missão.

O que significa dizer que a Igreja, as nossas comunidades, as nossas Ordens e Congregações são a presença de Cristo? Significa, antes de tudo, que a missão não é proclamar Cristo como algo diferente de nós mesmos, como alguém do passado ou alguém que nos ajuda apenas do Céu, mas proclamá-lo como presente, presente em nós e entre nós, presente no mundo. A grande missão para nós é, antes de tudo, reconhecer que Jesus está presente. O Corpo de Cristo, que é a Igreja, é um sinal de que Deus está tão presente que coincide com uma presença humana, uma presença humana cheia das limitações do corpo humano, cheia das limitações do cansaço, da fragilidade, da mortalidade, da espaço-temporalidade da condição humana. Precisamente neste Corpo vive o Infinito, o Eterno; precisamente neste corpo eclesial, o Infinito e o Eterno se manifestam em nossa carne. É um grande mistério!

A unidade: cumprimento da missão do Filho

Por que, então, a unidade é importante, por que é importante ser um, por que é importante que o corpo eclesial esteja unido? Não tanto porque podemos dizer: Cristo está presente porque seus discípulos são bons, mas porque a unidade torna o corpo vivo, torna viva a presença de Cristo, viva em nós e entre nós.

Jesus não diz: "Que todos sejam um, para que o mundo creia que eu sou Deus", mas "para que o mundo creia que tu [Pai] me enviaste". A unidade dos discípulos de Cristo permite que o mundo creia que o Filho de Deus está presente no mundo, que o Pai o enviou para estar conosco, para viver conosco, em comunhão de amor conosco, com todos os homens. A unidade permite que a missão de Cristo se cumpra, a ponto de vir e estar presente no mundo para salvá-lo, até o ponto de fazer-se encontrar, a anunciar o Evangelho, a curar todas as enfermidades, a corrigir todos os desvios, a morrer por

todos os pecadores e a ressuscitar para dar a vida ao mundo. A unidade dos discípulos é para permitir ao mundo crer que Cristo está aqui para salvá-lo.

O que se pede à vida monástica neste mistério? Como a vida monástica participa deste mistério pelo qual a unidade fraterna dos discípulos permite ao mundo crer que o Filho de Deus está presente para salvá-lo? Em outras palavras: no mistério da Igreja como corpo místico de Cristo, cuja vida e unidade transmitem a salvação ao mundo, que lugar ocupa a vida monástica? Que lugar ocupa a vida monástica na missão do Filho, Salvador do mundo?

Certamente, toda forma de vida batismal e de vida consagrada encarna e proclama a graça de ser um, assim como o Pai e o Filho são um na Trindade. A família é chamada a encarnar e ser sinal dessa unidade no amor entre os cônjuges e para com os filhos. Toda forma de vida consagrada encarna e é sinal dessa unidade dentro das missões específicas de cada carisma, como o cuidado dos pobres e dos doentes, o ensinamento, a pregação do Evangelho.

Em que medida a vida monástica é chamada a encarnar e ser sinal dessa unidade? Parece-me que a vocação monástica é chamada a viver e demonstrar essa unidade enquanto ela flui de sua Fonte trinitária. A vida monástica é chamada a acolher, viver e transmitir a unidade dos discípulos, necessária para que o mundo creia, onde a unidade brota, onde ela tem sua origem, isto é, onde o Filho ora ao Pai para que essa unidade se realize entre nós.

A oração do Filho ao Pai para que sejamos um, como as Pessoas da Trindade são um, é como o ponto em que um mar subterrâneo finalmente encontra uma abertura na crosta terrestre para irrigar o mundo inteiro, para emergir de seu abismo infinito e eterno para regar a terra e a história.

É como se naquele momento Jesus pedisse ao Pai que transmitisse à Igreja, como de fato acontecerá com o Pentecostes, o seu ser presente fisicamente, realmente, no mundo. E a nós, monges e monjas, somos convidados a viver este mistério em sua origem, a origem que é o diálogo entre o Pai e o Filho no Espírito em que isso é decidido e dado. Somos chamados a estar na fonte da Igreja, da unidade da Igreja. Precisamente por isso, a vida monástica é frequentemente descrita como um Cenáculo, o lugar onde a oração do Filho se torna Eucaristia, onde o Espírito Paráclito desce para transformar no Corpo e Sangue de Cristo não apenas o pão e o vinho, mas também a comunidade reunida em nome de Jesus ressuscitado.

A unidade é um dom

Por que essa unidade é fraterna? Porque a fraternidade não é uma unidade que nasce entre nós, mas nasce do fato de sermos filhos do Pai no Filho unigênito. É uma unidade que nasce porque é gerada, gerada pelo Mistério no qual Jesus nos acolhe, rezando ao Pai por nós, não apenas na oração sacerdotal de João 17, mas ao longo de toda a sua vida.

Antes da ressurreição de Lázaro, "Jesus, levantando os olhos para o alto, disse: ‘Pai, eu te dou graças porque me ouviste! Eu sei que sempre me ouves, mas digo isto por causa da multidão em torno de mim, para que creia que tu me enviaste’" (Jo 11,41-

42). Aqui também vemos que Jesus, quando ora, não está apenas pedindo uma graça particular, mas também a difusão da fé no dom da sua presença salvadora.

Jesus sempre reza para que reconheçamos que a sua presença revela o Pai. O seu coração pulsava com esta oração constante, com esta invocação de *Abba* por nós e pelo mundo.
Mesmo quando Ele diz na cruz: "Está consumado!" (Jo 19,30), significa que se cumpre o plano do Pai de enviá-lo para estar presente no mundo até que se cumpra a doação total da sua pessoa. Naquele momento, cumpre-se a missão de Jesus, aquela para a qual o Filho é enviado, o que coincide com o que o mundo deve crer, vendo que os discípulos são um, são irmãos, são irmãs. Por isso, a unidade entre nós é fraterna porque é filial, da natureza filial de Cristo, do amor do Filho pelo Pai com o qual Jesus nos amou.

Também no encontro com o Papa Leão, quando lhe pedi uma bênção para a minha Ordem, ele a concedeu, dizendo-me que o que o mundo precisa hoje é que sejamos fiéis e focados na dimensão contemplativa da nossa vocação monástica. Ele nos pediu para viver isso com verdade, para servir a Cristo nisso com verdade — insistiu — com verdade!

Meditando sobre o tema do vosso encontro, eu entendi melhor o que o Papa Leão quis dizer. Em última análise, concentrava a vocação monástica — mesmo nas várias formas em que ela pode ser vivida, incluindo o empenho em missões pastorais, educacionais e caritativas — a concentrava próprio no versículo da oração sacerdotal de Jesus que serve como nosso tema: "Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste" (João 17,21).

Muitas vezes nos distraímos da dimensão contemplativa da nossa vocação porque sentimos a urgência da missão de ajudar o mundo, este mundo cada vez mais trágico, dilacerado pelo mal, pelo ódio e pela dor. A humanidade tão dividida é sempre mais o contrário daquilo pelo que Jesus veio: para estabelecê-la numa unidade fraterna que permita as relações entre os homens, entre os povos e nações de deixar circular o amor do Pai que Jesus nos transmitiu.

Mas, na sua oração, Jesus revela-nos que esta unidade fraterna e universal não é e não pode ser obra nossa: é apenas obra de Deus. E assim Jesus pede que, assim como Ele próprio pede esta unidade ao Pai, também nós devemos viver a missão do Filho na sua fonte, que é uma fonte a qual se bebe com a oração. Mesmo quando rezamos juntos, não o fazemos para expressar a nossa unidade, mas para a pedir e receber do Pai através do Filho no Espírito Santo. A comunidade cristã, concentrada na comunidade monástica, é como uma semente que começa a germinar.

Aceitar o nosso lugar na fonte da comunhão é talvez o aspecto mais exigente da nossa vocação. Poderíamos pensar que este privilégio é uma fonte de honra para nós, como se fosse uma dignidade que supera as outras vocações na Igreja. Este é um sentimento equivocado, não apenas porque todas as vocações têm igual dignidade, e todas, de uma forma ou de outra, só podem ser vividas se cada um beber da fonte. Mesmo as vocações missionárias mais extremas, mesmo a presença de cristãos leigos em meio

ao mundo secular, não podem ser vividas se o coração não extrair a graça das suas fontes espirituais e sacramentais. Mas a vocação monástica é humilde por natureza, porque é como uma vocação que deve agarrar-se à sua fonte, mortificando o desejo humano de experimentar os frutos da sua pertença ao Senhor.

A fonte da comunhão

Se compreendermos isto, então compreenderemos também que a divisão nas comunidades, a divisão entre comunidades, nas Ordens, a divisão na Igreja e das Igrejas, não é tanto a perda da unidade entre nós, mas sobretudo a perda entre nós da unidade com Deus. A divisão é sempre a consequência da perda do essencial. Nenhuma comunidade se dividiria se todos quisessem possuir somente Cristo, porque Cristo é tudo para todos, se dá tudo a todos. De fato! Quanto mais O possuímos juntos, mais O compartilhamos, e mais cada um de nós O possui.
As divisões começam quando Jesus deixa de ser a verdadeira razão pela qual estamos juntos. Não como uma razão teórica ou mesmo prática, como por exemplo as ideias ou o projeto de qualquer movimento político ou social. Mais do que uma razão, Jesus é um tesouro comum, o bem mais precioso que temos. Como bem expressa São Bento no quinto capítulo da Regra: "O primeiro grau da humildade é a obediência sem demora. É peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro que o Cristo" (RB 5,1-2).

Desde que sou Abade Geral, infelizmente assisti vários episódios de grave divisão em algumas comunidades. Quando penso em cada um desses casos, fica claro que o verdadeiro problema não são tanto as diferenças de ideias ou compreensões da vida monástica, nem mesmo os erros humanos, as fragilidades morais ou psicológicas das pessoas. O verdadeiro problema é sempre que perdemos lentamente a preferência por Cristo, que perdemos Jesus como o tesouro da vida, como tesouro privilegiado e compartilhado, Ou seja, o relegamos a um segundo plano, depois a um terceiro plano, depois a um quarto, até que ele foi completamente marginalizado, longe do coração e, portanto, da vida das comunidades e de seus membros. Então, muitos outros interesses, por mais importantes ou superficiais que fossem, tomaram o seu lugar, especialmente o interesse próprio, o próprio eu. São Carlos Acutis estava certo ao definir a conversão desta forma: "Não eu, mas Deus!"

Jesus, em sua intensa oração ao Pai em João 17 nos faz compreender algo fundamental que muitas vezes esquecemos: a unidade é um dom que flui da Trindade: é por isso que Jesus a pede ao Pai para nós. O dom da unidade coincide com o dom do Espírito Santo. É o Espírito que cria a comunhão entre nós, isto é, que reproduz entre nós a unidade de amor entre o Pai e o Filho, que o Espírito é em pessoa. A nossa unidade não se realiza como quando um artista olha para um modelo e precisa reproduzi-lo. O que poderia significar reproduzir a comunhão entre o Pai e o Filho no Espírito? O que poderia significar reproduzir a Trindade? É impossível! A Trindade não é um modelo diante de nós a ser imitado, mas uma Vida de amor na qual viver. A Trindade é o Ser no qual, como sugere São Paulo ao falar aos atenienses, "vivemos, nos movemos e existimos" (At 17,28).

Como peixes no mar

Nós somos na Trindade um pouco como os peixes no mar. É como se pedíssemos a um peixe para reproduzir o mar, para imitar o mar. Se pudesse falar, o peixe nos diria: "Como você espera que eu faça isso? Nunca vi o mar de fora. Não posso, como um artista, distanciar-me do modelo para pintá-lo ou esculpi-lo. Se me distanciasse do mar, morreria sufocado, porque só no mar eu vivo, me movo e existo. Só conheço o mar por dentro, se estou dentro dele e não me distancio dele. Sinto o mar me envolvendo completamente, e sinto-o fluir através de mim cada vez que abro a boca e depois o deixo sair pelas brânquias sem o perder, porque é infinito. O mar me invade por fora e por dentro. Eu, o mar, o respiro. O mar também me nutre. Em suma, toda a minha vida depende do mar. Mas não é uma dependência que me limita ou oprime, porque só no mar me movo livremente. A dependência do mar me permite viver e me mover livremente. E não fui eu quem decidiu tudo isso. Eu, de fato, fui formado e nasci no mar. O mar sempre me precedeu e é infinito. Este pensamento me enche de um senso de mistério, pois não consigo compreender esta realidade infinita que me dá vida. No entanto, sou grato por existir, e é precisamente esta gratidão que me permite unir-me ao mar nas profundezas do seu mistério. Ou seja, não posso medir o mar, mas posso acolhê-lo como dom, e ao acolhendo-o como dom, misteriosamente o conheço tudo, o possuo tudo numa única palavra, uma única realidade que tudo abrange e me permite guardar todo o mar no meu coração. Esta palavra é: amor, gratuidade, caridade, graça..."

Deixemos o nosso peixe longe de... mudo como um peixe!
Mas esta parábola ensina-nos que a comunhão que nos une, ou deveria unir-nos, que é necessária para vivermos, para sermos livres, nunca a acolheremos com a pretensão de a possuirmos longe da sua fonte, que ao mesmo tempo é um mar. Só a possuímos aceitando com gratidão habitar nela. E isso não para prestar um serviço a Deus, como escravos chamados a construir o templo, mas para viver, para viver da vida que a Trindade nos doa ao nos chamar à existência.

Quando pensamos que a unidade entre nós, na nossa comunidade, a unidade da Igreja ou a unidade de toda a humanidade seja somente um dever, uma tarefa laboriosa pela qual sacrificar a vida, esquecemos a fonte, esquecemos que essa unidade já é o mar em que nadamos, em que vivemos, nos movemos e existimos. O problema é que vivemos, nos movemos e existimos neste mar de comunhão sem pensar nisso e, portanto, sem gratidão. Em vez disso, estar cientes desse mar, de que ele é todo dom, todo amor – porque "Deus é amor" (1 Jo 4,16) – faz de nós, em vez de trabalhadores da comunhão sempre cansados e desanimados, mendigos que a acolhem abundantemente e podem transmiti-la a todos.

Mas quando, como eu dizia, começamos a nos interessar por mil coisas além de Cristo e do dom que Ele nos dá da Sua comunhão filial com o Pai, então vivemos do amor de Deus sem nos darmos conta disso e sem sermos gratos por isso, e, portanto, sem transmiti-lo aos outros. Mas acima de tudo, e é isso que é triste, na verdade: trágico, vivemos sem viver, sem amar a vida, sem acolher a vida verdadeira, divina, eterna que Deus nos dá. Somos peixes fora do mar, sufocando, morrendo, apodrecendo

espiritualmente, apodrecendo em sua humanidade feita para a vida, mas que escolhe a morte.

A grande responsabilidade pela vida do mundo

Entendem a responsabilidade que temos, nós, monges e monjas, e as nossas comunidades, de ser um sinal disso para cada homem e mulher que encontramos, e para toda a humanidade?! Nos é pedido e dado ser uma só coisa na graça deste mar de comunhão que se tornou uma fonte de água viva para beber, não apenas para que o mundo creia, mas *para que o mundo viva*, para que a humanidade viva. Como lemos no final do capítulo 20 do Evangelho de João: "...para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20,31). Que o mundo creia que Jesus foi enviado pelo Pai não é importante porque aumentamos o número de cristãos e católicos, mas para que o mundo tenha a vida, a vida verdadeira, a vida eterna, a vida divina, isto é, a vida dos filhos de Deus, pelos quais Cristo morreu e ressuscitou.

Vejam, a nossa unidade está no centro desta questão vital. Pensem: *da nossa unidade depende a vida do mundo!* Todas as comunidades cristãs, mas especialmente as comunidades religiosas e monásticas, são chamadas a viver esta missão com plena consciência e, portanto, com plena responsabilidade. Juntos, seremos chamados a prestar contas da vida do mundo. É por isso que Jesus nos pede que cheguemos a um acordo, de restaurar a unidade entre nós, antes de chegarmos ao juiz: "Portanto, se estiveres oferecendo a tua oferta diante do altar e ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão e depois volta e apresenta a tua oferta. Chega depressa a um acordo com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele, para que não suceda que o teu adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao guarda, e sejas lançado na prisão. Em verdade te digo que de modo nenhum sairás dali enquanto não pagares o último centavo!" (Mt 5, 23-26)

Dizia que o Papa Leão XIV me recomendou a lembrar aos membros da minha Ordem o que ele acredita ser o mais urgente que a vida monástica ofereça ao mundo de hoje, tão dividido e confuso. Depois do que tentei refletir com vocês, à luz do tema essencial deste encontro, entendemos que a dimensão contemplativa da vida monástica significa cultivar a consciência da fonte da vida e da fraternidade, cultivar a consciência de que a vida e a fraternidade são um dom, não uma obra nossa. Só Deus nos cria, só Deus nos faz, e *existimos* verdadeiramente na medida em que acolhemos esse dom.

Por isso Jesus veio nos revelar o Pai e nos conduzir a Ele, porque o Pai é a Fonte inesgotável da vida e da fraternidade, da vida de comunhão. O Pai nos dá, em Cristo, sermos seus filhos e filhas, isto é, vivermos plenamente do seu amor. O Pai nos gera como filhos e, portanto, como irmãos e irmãs.

Unidos por sermos irmãos e irmãs

Muitas vezes as comunidades vivem como se o que as une fosse mais o que *fazem* do que o que *são*. Esta é uma grande fraqueza das comunidades monásticas, mesmo e talvez especialmente daquelas que são numerosas e jovens. Mas todos temos a

tendência e sofremos a tentação de ser mais unidos pelo que fazemos do que aquilo que somos. E quando não podemos mais fazer muito, ou fazer bem, sentimos como se não tivéssemos mais importância.
É uma fragilidade em nossa autoconsciência que se reflete em tudo e, muitas vezes, surge em uma fragilidade última de testemunho. É como se déssemos mais testemunho de nós mesmos do que da Trindade, Fonte de vida e de amor para o mundo inteiro. É como se nossa unidade nos atraísse a nós mesmos, talvez despertando inveja, em vez de transmitir ao mundo a fé de que somos todos objetos de um amor tão grande do Pai, a ponto de doar-nos o Filho unigênito, até a morte na cruz.

Portanto, devemos ajudar uns aos outros a nunca perder a consciência de fé de que o que somos é mais importante do que o que fazemos, porque o que somos, isto é, filhos e filhas de Deus e irmãos e irmãs em Cristo, se vivido com fé, gratidão e humildade, é fecundo por graça e não em virtude da nossa própria força ou poder. Nossas comunidades não são chamadas a expressar a fecundidade humana, mas a fecundidade de Deus, a fecundidade virginal de Maria, Mãe de Deus e Mãe de todos, por meio da qual o Pai gera o Filho encarnado e os filhos e filhas de Deus no seio da Igreja.

Certamente, a fé sem obras é morta (cf. Tg 2,17), mas obras sem fé são obras estéreis, porque não são obras de Deus, não são as obras que o Filho realiza em obediência ao Pai, não são obras geradas pelo Pai, aquelas obras que Jesus, à direita do Pai, promete realizar em nós: "Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para o Pai." (Jo 14,12)

Quando sofremos por nossa esterilidade, pela vaidade de nossos esforços, como Jesus, devemos pensar no Pai e entregar a Ele a nossa vida, nossos relacionamentos, o que fazemos, tudo. É a referência ao Pai em Cristo, isto é, unir-nos à oração de Jesus, que nos permite ter consciência de quem somos, antes de pensarmos com orgulho no que fazemos ou com desespero no que não conseguimos fazer.

Assim, a unidade entre nós, a unidade da nossa comunidade, não é algo a ser construído ou salvo por nós, mas *uma realidade que somos* e da qual nos tornamos conscientes se pensarmos com Cristo no Pai.
"Mas não vos chameis Rabi, porque um só é o vosso Mestre, e todos vós sois irmãos. E a nenhum de vós na terra chameis pai, porque um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus. E não vos chameis 'senhor', porque um só é o vosso Senhor, o Cristo." (Mt 23,8-10)

"Vós sois todos irmãos": é esta a consciência que nos une por aquilo que somos em Cristo, e que somos juntos, na comunhão da comunidade. Somente sobre esta consciência mesmo a unidade nas nossas obras, não está fundada sobre a areia de nossas forças, mas sobre a rocha que é Cristo presente entre nós, e então daremos frutos de vida eterna para o mundo inteiro.